

DA POLITIZAÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL: UMA LEITURA DE “MEU SONHO”, DE ANTÔNIO FRANCISCO

Wellington Medeiros de Araújo (UERN)
w.medeiros69@yahoo.com.br

Introdução

“Eu perguntei para o homem: / - É de um parlamentar?...
Ele me respondeu / Com um sorriso no olhar:
- ‘É de um agricultor, / O nosso herói popular.’”
(Antônio Francisco)

Quando Walter Benjamin (1994) empreende a crítica aos modos de produção (e de reprodução) da arte na Modernidade, chama a atenção para “conceitos revolucionários” que atestam possibilidades políticas de abordagem dessa mesma arte. Entre tais conceitos destacam-se a destruição da “aura”, o valor de “eternidade”, a substituição da pintura clássica pela “fotografia” e, em escala, a substituição desta pelo “cinema mudo” seguindo-se ao “cinema falado” (BENJAMIN, 1994).

Entre os vários conceitos atribuídos ao termo “reprodução” estão: “produzir de novo”, “traduzir fielmente”, “copiar”, “imitar”, “dar origem a”, entre outras acepções. Seja negativa ou afirmativamente, o valor do termo é relativo, transitório. Reproduzir tanto pode indicar um processo degradante, quando se tem o intuito de copiar para imitar, invejar o outro, tentar subjugar; quanto pode indicar o sentido de querer fazer jus ao original, numa tentativa de aprender ou apreender com o modelo.

Caminhando pela esteira de Benjamin, em que a crítica à obra de arte deve ser feita em seus moldes de produção, deparamo-nos com a literatura de cordel, espécie inventiva de livreto onde a cópia (a reprodução), em condições artesanais, lhe serve de base e lhe dá as condições de sobrevivência.

Integrando parte do aparato cultural de certa região do Brasil, a literatura de cordel vive consideravelmente na memória e na prática cotidiana de muitos artistas populares do Nordeste do país. Originária das terras ibéricas, do romance provençal, lá onde a aventura cavaleiresca determina os casos a serem registrados pela voz, a literatura de cordel soube, como nenhum outro artefato textual, criar raízes e se adaptar ao solo colonizado.

Livre muitas vezes do “ranço” acadêmico das elites, o cordel paira “livre” em suas possibilidades estéticas e históricas. No entanto, por adentrar a vida cultural e deixar ecos na história dessa mesma cultura, pode-se afirmar, pensando com Candido (2006), nessa manifestação literária enquanto parte do sistema literário da nação, voltada para “a construção duma cultura válida no país.”, afinal, “Quem escreve, contribui e se inscreve num processo histórico de elaboração nacional.” (CANDIDO, 2006, p. 20).

Construído, pois, sob a afirmação da singeleza e de certa espontaneidade, o cordel transita por espaços não hegemônicos – feiras, pátios, becos e pequenas livrarias do país, dando à voz performances sociais de homens e mulheres comprometidos com a sua experiência subjetiva e com o entrosamento social de que fazem parte. Assim, esses escritores “populares” elaboram, confeccionam, comercializam e vendem (na maioria das vezes), seus próprios livretos.

Abrindo mão das discussões teóricas de natureza mais vária, como a que perdura entre o que é e o que não é popular, ou entre o popular e o erudito, o que por ora se pretende é, na linha romântica trilhada por Michael Löwy e, dentre outros, por Câmara Cascudo (1984) em seu “Vaqueiros e Cantadores” – obra exponencial para compreensão da cultura, não apenas nordestina, mas brasileira e universal –, explorar a riqueza temática e formal, bem como do sentimento telúrico de um dos cordéis de Antônio Francisco, escritor potiguar, objetivando apontar aspectos da leitura desse texto como relevantes no ensino atual da literatura.

1. O poeta, o sonho e a sociedade

Com vários cordéis já publicados, esse mossoroense leitor da história sabe bem aproveitar os recursos de que dispõe para retratar sua experiência, falando de sua terra, de sua gente e de si mesmo. Exímio criador de imagens, recurso infalível para a criação literária, conforme acentua Bosi (1999, p. 13): “A imagem pode ser retida e depois suscitada pela reminiscência ou pelo sonho”; Francisco realiza incursões várias entre o real e a invenção, entre sociedade e sonho, entre utopia e história.

Nesse duelo de forças constituintes da experiência da barbárie no “breve século XX” (HOBSEBAWM, 1995), o cordelista Antônio Francisco escreve um poema de cordel, “Meu Sonho”, em que procura retratar a frágil utopia em que alicerçada a contingência de seu tempo.

O cordel ou a literatura de cordel pode ser caracterizada, em depoimento de Mendonça (A história da Literatura de Cordel. Disponível em: <http://www.camarabrasileira.com/cordel01.htm>), em uma experiência retratada a seguir:

Num ciclo de estudos sobre literatura de cordel, realizado em 1976, em Fortaleza, sob o patrocínio da Universidade Federal do Ceará, indagaram ao prof. Raymond Cantel, da Sorbonne, grande estudioso do assunto, qual seria a definição mais compacta que se poderia dar do cordel. Seria apenas - perguntamos - poesia narrativa, impressa? Imediatamente, ele complementou: Popular. Então, aqui está a mais reduzida, a mais simples definição sobre cordel: Poesia narrativa, popular, impressa.

Portanto, o cordel guarda em si a capacidade de contar uma história, de estar alicerçada na experiência comunitária em sua diversidade oral e, por ser registrada em pequenas brochuras, estar próxima da escrita.

O poema “Meu Sonho”, primeiramente publicado individualmente, passa a fazer parte de uma caixinha com outros nove cordéis para, depois, em 2003, ser publicado em forma de livro, no volume intitulado “Dez cordéis num cordel só”, pela Editora Queima-Bucha.

Convém mencionar o caráter semiótico do cordel, pois, todas as marcas que lhe compõem, desde a qualidade do papel, passando pelo tamanho do caderno ao tipo de letra utilizado constituem índices de leitura que podem e precisam ser investigados. Revelam não apenas traços sociais, como também uma realidade histórica datada e importantes informações acerca das condições de produção do artefato cultural.

Uma vez publicado em folheto, a capa apresenta sempre uma xilogravura, ou de artistas memoráveis ou do próprio autor. No caso de “Meu Sonho”, o folheto apresenta ilustração de João Pedro do Juazeiro, consagrado xilogravurista cearense. Sua leitura do poema de Francisco corresponde a um plano imediato de interpretação e as imagens

aparentam ser ao que correspondem em sentido. Assim, aves, peixes, cervos, elefantes, dinossauros e um homem ocupam a cena de apresentação de “Meu Sonho”. Ou melhor, um homem, entre bichos e uma paisagem uniformemente amena, pois rodeada de água e árvores aparecem de modo abrupto e em primeiro plano na capa do cordel. De João Pedro, a xilogravura torna-se responsável por uma antecipação da leitura, ou passa a ser o elemento responsável pela criação de um “horizonte de expectativas” (como querem os teóricos da recepção), preparando o leitor para a encenação de um drama que busca na harmonia da natureza – o *locus amoenus* clássico – seu motivo de ser. Pelo menos é o que se pode adiantar na semiótica aventura de desvendar as marcas da xilogravura “tatuadas” na capa do livreto.

Essa impressão, a de uma leitura amena, entre o confortável e a tranquilidade do mundo, é logo rompida quando da leitura do cordel que se inicia, de súbito, com a proeminente frase-verso “Cansado de ler jornais / Fui me deitar descontente”.

O leitor dos folhetins atuais, o jornal, tem, como presença indelével de sua recepção, a amargura e a desesperança diante dos fatos aí impressos e comentados, muitas vezes até a exaustão. São crimes, casos de corrupção, mortes, acidentes, tragédias, falências e outra série de notícias de ordem negativa que, se não perturbam a face cansada do leitor, leva-o à indiferença e à completa alienação. Os meios de comunicação de massa, diferente do cordel, teimam em despertar no leitor o que este parece ter de pior. O sentimento de culpa, impotência e desprezo pela vida é logo acometido, mesmo no melhor e mais bem intencionado sujeito leitor (nesse sentido, ao averiguar os danos sem reparo da vida danificada na Modernidade, Adorno parecia ter razão¹). Violenta em sua manifestação expressiva, a notícia parece escarnecer do poder de reparação ainda existente no humano. Daí a busca pela fuga, a procura pelo sono, o entregar-se ao repouso, onde as notícias do cotidiano parecem não surtir efeito.

E é procurando dormir que o sujeito dos versos de “Meu Sonho” decide responder à realidade. Numa atitude romântica por excelência, o poeta encontra na evasão do espírito um modo de escapar ao “inferno” em que se tornou a vida. Nota-se, de imediato, a crítica à Modernidade, através de uma atitude romântica, ou se preferirmos, de um romantismo não convencional para sistematizar o pensamento reflexivo para o sistema, ao *status quo* preponderante.

No sonho residem, seguindo tal perspectiva romântica, respostas. Talvez lá, no universo onírico, esteja mesmo a fonte confiável e verdadeira de tomada de consciência. Sob esse olhar há toda uma tradição que já enumerava a necessária observação do registro do sonho – o favorecimento do inconsciente, como mola propulsora para entendimento da arte e de questões mais realistas do senso humano. Na perspectiva de atingir o inconsciente para dele poder fazer melhor uso, poderíamos citar os já mencionados românticos, primeiros manifestantes desse procedimento; em seguida os simbolistas com suas mensagens cifradas e manifesta aos aspectos sensíveis (dos sentidos) e, finalmente, alguns modernistas mais voltados para a influência das conquistas de Freud, Bergson e dos Surrealistas.

O sonho é, portanto, a instância do possível, onde absurdo e desejos secretos comungam da mesma “realidade”. E assim se configura o eu no cordel de Francisco: um sujeito cindido entre a penalidade de viver o real e o desejo latente de desfrutar do prazer de ter um mundo, uma vida melhor. Tudo bem que o texto não inventaria o tema de forma tão criativa; no entanto, a intenção e o resgate desse universo retratam desejos recônditos

¹ Neste sentido, ver relevante ensaio “A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

de o homem satisfazer e explicar sua existência. Princípio de prazer versus princípio da realidade. O mundo moderno e seus absurdos dão razão a Freud.

Bom, mas não é do sonho enquanto parcela do inconsciente que nesse momento se quer discorrer. Até porque se faz notória a retórica do sujeito do poema como um sujeito artificial. Sim, porque o pormenor, o detalhe e a linearidade e organização das imagens são tão precisos que seria um equívoco supor proximidade entre o texto do cordel e o texto de Breton (por exemplo). Desse modo, recaímos na leitura do sonho como desejo de uma interferência do humano na realidade histórica que o circunda e que parece não lhe deixar saída para mais nada. Ler o sonho do cordel “Meu Sonho” não pelo viés do sobrenatural ou da psicanálise, mas como desejo secreto do ser humano em atingir suas potencialidades mais nobres, enfim, como utopia romântica.

2. Sentimento telúrico e utopia: as faces do poema

Como já apontado, “Meu Sonho” se insere na coletânea de cordéis “Dez cordéis num cordel só”, livro de 2003. No entanto, o interesse aqui é averiguar o folheto isoladamente, com estrutura própria e tema delimitado. Sobre o livro como um todo, a critério de pertinência da obra em seu conjunto, basta saber que retém uma predominância de temas narrativos, ligados a uma contação de história, geralmente mágica, onde poderes e maravilhas acometem o dia a dia.

“Meu Sonho”, por sua vez, parece não fugir ao interesse geral da obra. Em um sonho, o eu se pronuncia, contando certas peripécias experimentadas enquanto repousava, logo após ter ido dormir meio “descontente” por ter lido notícias em jornais e daí ter se entristecido pelo que vê no mundo.

O título expressa, logo de começo, através do uso da primeira pessoa, uma visão particular de uma experiência que, embora onírica, tem algo a dizer. “Vale a pena ouvir”, diria o poeta popular para contar sua narrativa. O uso do pronome possessivo em primeira pessoa (“Meu”) exprime uma forma singularizada de percepção das coisas, dos desejos e vontades de certo sujeito. Daí, desse possível lirismo singular, tentar-se extrair uma abstração universal.

E aí pode-se apontar aquele que vem a ser, talvez, o grande problema do poema: é todo clichê, reproduz o tema da utopia sem revelar algo novo, refazendo lugares comuns dos desejos revolucionários humanos em sua configuração social e histórica. A contribuição do cordel, nesse caso, vale pelo exercício a que o gênero se propõe: sem grandes pretensões (isso afastaria o cordel da arte?), o texto de Antonio Francisco traz uma reflexão contemporânea da capacidade humana de sonhar e acreditar em um mundo melhor, em que a ecologia, o desenvolvimento sustentável e a igualdade de trabalho são marcas reconhecidas e pertinentemente calcadas na realidade.

Recorrendo à fórmula do “Era uma vez”, expressão cara aos contos de fadas, a narrativa onírica se inicia, a partir da segunda estrofe, apresentando um “planeta” orquestrado pela harmônica combinação entre flora e fauna. Veja-se, a seguir, as três primeiras estrofes do poema (FRANCISCO, s/d, p. 01)

Cansado de ler jornais,
Fui me deitar descontente.
Pensando em tudo que li,
Adormeci lentamente
E sonhei que eu acordava
Num planeta diferente.

Era um planeta coberto
De plantas de todas cores,
As lagoas orquestradas
Por marrecos cantadores
E as abelhas bailando
Por entre as pétalas das flores.

Búfalos, zebras, elefantes,
Ali bem perto pastando...
Alces, gazelas, girafas,
Pela relva saltitando
E na linha do horizonte os dinossauros passando.

Deste excerto é possível ter uma noção do todo, uma vez que o cordel tende, em sua organização no papel, a não variar de forma, mantendo-se uniforme em toda sua distribuição. O poeta escolhe aquela que melhor traduzirá seus pontos de vista sobre o tema a ser discutido. No caso do poema de Francisco, a recorrência à tradição ibérica e aos ABC presentes nas feiras nordestinas é notória. O poema apresenta 37 estrofes, todas elaboradas em forma de sextilhas (com exceção da última, uma septilha). Sobre a herança da poesia tradicional sertaneja, a qual os versos de “Meu Sonho” encontram-se atrelados, veja informação de Câmara Cascudo (1984, p. 28):

Recebidos em Portugal em prosa ou verso todos [os romances] foram vertidos para as sextilhas habituais e cantados nas feiras, nos pátios, nas latadas das fazendas (...). Esses romances trouxeram as figuras clássicas do tradicionalismo medieval.

Portanto, mesmo, como foi dito antes, recorrendo-se a temas clichêzados em sua abordagem, o cordel torna-se coerente em suas especificidades textuais. Se isso irá determinar sua própria superação ou esgotamento com o tempo, só a história das formas e ideias é capaz de dizer.

E dentro das especificidades textuais, o cordel tem se refeito dentro da tradição de que participa. A recorrência aos versos em redondilhas maiores ou menores, por exemplo, é uma das mais visíveis permanências do gênero nessa tradição. E assim corroboram os versos de Francisco: todos são heptassílabos ou redondilhas maiores, o que confere forte musicalidade ao texto. O princípio do movimento, marcado pela cadência entre sons vocálicos intercalados a consonantais, e por sons altos e baixos, demonstra mais ainda a força viva da musicalidade típica de textos a serem apresentados em voz alta, finalizados para a oralidade e suas performances². Observe-se:

Búfalos, zebras, elefantes,
Ali bem perto pastando...
Alces, gazelas, girafas,
Pela relva saltitando
E na linha do horizonte os dinossauros passando.

O ritmo alternado, antes de interferir na semântica, ajuda à compreensão de que o poema possui uma musicalidade e essa encontra-se em vias de recitação. Daí esse

² Sobre a participação do texto em sua voz poética e performance, ver estudo de Paul Zumthor, “Performance, recepção, leitura”.

aspecto constituir elemento peculiar e relevante em aulas que exijam a participação direta (leitura em voz alta) e indireta (leitura silenciosa) dos alunos.³

Tal musicalidade deve ser mais apreciada ainda se se reparar no uso das rimas sempre entre o segundo, o quarto e o sexto versos, conforme se pode notar no esquema extraído da segunda estrofe acima mencionada: “coberto” = A, “cores” = B, “orquestradas” = C, “cantadores” = B, “bailando” = D, “flores” = B, gerando, como uma constante em todo poema, a seguinte estrutura: ABCBDB. É bom notar que as rimas B aparecem distintas ao longo do cordel, mostrando alternância e manejo na arte de brincar com os sons das palavras. É ainda importante ver que essas rimas não estão necessariamente dentro dos padrões clássicos, rigorosos de invenção. Pelo contrário, obedecendo a um esquema que vai de rimas pobres a outras mais elaboradas, mostra, certas vezes, até um “descuido” com a norma, conforme se pode perceber na estrofe 19, em que se repete a palavra “mão” duas vezes, e a estrofe 32, onde variações do pronome “ele” se encarregam de fazer a aproximação sonora: “ele”, “dele” e “nele”. Nota-se, com isso, que o poema não cai em um determinismo típico do fazer literário de certos contextos da historiografia literária, como o rigor formal na preocupação parnasiana com o tipo de rima e que, nem por isso, perde seu sentido e sua importância no contexto de que faz parte.

Outro aspecto constituinte do poema é o vocabulário que, por sua vez, não se mostra erudito ou clássico, formal em demasia. No entanto, o léxico presente não é de todo tão próximo da oralidade, como se pode dizer de palavras, frases ou expressões como “lagoas orquestradas” (verso 9), “marreco cantadores” (verso 10) ou “abelhas bailando / Por entre as pétalas das flores” (versos 11 e 12).

Contudo, por prezar, muitas vezes, por um léxico mais elaborado, isso não dá ao poema ares de erudição ou desfaz o mérito de pertencer ao cordel. Pelo contrário, encenada a melodia das estrofes e rimas, esta última característica ganha sua maior colaboração e labor na musicalidade distribuída nos versos heptassílabos, como afirmado antes, próximos da sonoridade dos cantadores de viola e dos trovadores medievais. Portanto, “Meu Sonho” é um texto para ser cantado: com rimas e um forte apelo à sonoridade demarcada pela alternância dos fonemas, entre altos e baixos reincidentes em todas as estrofes. A recepção da sonoridade em certos textos, por aproximar o cordel da canção, atrai o discente às aulas, trazendo a provocação de sons, gestos e vozes.

Narrativo, o poema de Antonio Francisco conta, não a aventura de heróis grandiosos ou seres fantásticos, como se é recorrente à tradição medievalista. Conta a história de um eu sujeito às fatalidades do mundo contemporâneo, marcado pela vivência atropelada em função dos erros cometidos em nome do egoísmo coletivo. A mensagem que sobressai é humanizadora, mesmo sendo frequentemente debatida e posta em formas das utopias dos séculos XX e XXI. Para o cordelista, acreditar em um mundo possível é participar da igualdade entre os homens, sem distinção de classes e em que possa contribuir para um desenvolvimento ecológico e sustentável, como se vê nos versos a seguir:

Respondeu: - “Não temos jaula
Nem gaiolas na cidade.
Aqui animais e pássaros
Convivem com liberdade,
Para nós é mais barato
Cria-los fora da grade”.

³ O estudo do cordel em sala de aula merece destaque no livro de Helder Pinheiro, “Poesia na sala de aula”.

Ou nesses outros:

Eu disse: - No meu planeta,
Se um pássaro cantar bem,
Vai morrer por trás das grades
Sem ter matado ninguém
E cantar pra seus algozes
A troco d'água e xerém.

O poeta parece saudoso de um “planeta” aonde as coisas funcionavam em processo harmônico com a paz, a igualdade e a comunhão entre homem e natureza. O amor à terra, antes de tudo, parece dar o mote ao poema. Na idealização de outros lugares, evadindo-se do aqui e agora, a terra distante e sonhada parece ser a prometida. Ora, esse escapismo nada mais é do que uma atitude romântica perante o mundo⁴. Evasivo, o homem não consegue se conformar com o que lhe está posto, com as querelas vigentes. Para isso, busca espaços alheios a essa ordem, recorrendo ao passado, a terras longínquas, a tempos imemoriais ou a uma sociedade utópica em que tudo e todos comunguem de um acordo em comum. Ao poeta cabe, portanto, ou a recusa reivindicatória, através de posições revolucionárias, em atitude de afrontamento ao *status quo*, ou a fuga subjetiva, própria de mentes nefelibatas e em conformidade com o mergulho no próprio ser, buscando zonas desconhecidas de si mesmo através de impulsos de natureza exterior, como o álcool ou outras drogas alucinógenas. Ou cabe, ainda, como síntese das duas posições sugeridas, uma atitude reivindicatória de um mundo em que o exterior e o interior estejam em sintonia, numa espécie de desejo humanitário coletivo.

Pelo caminho da utopia, esse poeta romântico, em sua dimensão estético-ideológica, pois reconstrói a forma literária também de tempos já passados (o metro e o modelo são trovadorescos, ibéricos e passadistas), parece não se acomodar aos processos formais e cristalizados do capitalismo, caminho a se desmembrar como de mão única, disseminando seu grito contundente nos tempos de agora. A atitude de consciência de que algo está errado com o mundo em que vivemos, portanto, atrai a poesia de Antonio Francisco ao polo desagregador do sistema reinante. E, pode-se afirmar, no “planeta” sonhado pelo eu cordelístico, configuram-se as marcas de um mundo pré-capitalista.

Conclusão

Enquanto parte constitutiva da realidade cultural do país, portanto, parte do sistema literário brasileiro, o texto cordelístico tem se mostrado como integrante da mentalidade espiritual que aí se faz. Nesse sentido, torna-se realidade histórica e social merecedora de atenção.

Muitas vezes subestimado em sua organização literária e temática (o que não significa dizer, generalizando, que todo folheto de cordel tenha qualidade), o cordel se apresenta como poderoso instrumento de decifração da realidade cotidiana contemporânea. E, nesse sentido, o ambiente da sala de aula torna-se espaço profícuo à sua abordagem, seja cognitiva, intelectual ou meramente artística, conforme pode se

⁴ Acerca da discussão, é importante destacar o que diz Michael Löwy (2008, p. 12): “Sem querer decidir o debate, e a título de hipótese de trabalho, parece-nos que um dos traços mais fundamentais do romantismo, enquanto corrente sociopolítica (aliás, inseparável de suas manifestações culturais e literárias) é a *nostalgia das sociedades pré-capitalistas e uma crítica ético-social ou cultural ao capitalismo.*” [grifos do autor]

depreender da abordagem aqui realizada. Pois, como se sabe, a forma literária e os processos sociais desse fazer textual problematizam, desse modo, em sua constituição, o fazer artístico em sua relação com o mundo aonde se insere. Moldado em formas simples e artesanais, o cordel pode desencadear, não apenas em sua vocalidade e performance próximas da oralidade, como também no exercício de percepção estética (leitura crítica) e desvendamento social (toda forma artística atrela-se a um contexto), uma série de atitudes pedagógicas transdisciplinares na escola atual.

Se revestido da moldura artística e dotado de aura ou não, esse objeto cultural tem oportunidade de se constituir como ferramenta necessária ao ensino de literatura (e outras esferas do conhecimento e saber) nas aulas de hoje. Pois, pensar o texto literário em suas múltiplas facetas requer, em posição dialética, uma constante prática de exercícios críticos de leituras textuais, bem como uma compreensão profunda dos processos sociais. E o cordel, respeitando-se as especificidades de cada texto e o ambiente de sala de aula, tende a ser estudado enquanto ferramenta de leitura em aulas de literatura, constituindo-se como atividade viável de desvendamento do mundo que cerca o aluno em suas relações pessoais e em sociedade.

Daí se ter recorrido, no que cabe a uma leitura qualitativa, ao poema “Meu Sonho”, extraído do livro “Dez cordéis num cordel só”, do escritor potiguar Antônio Francisco, como tentativa de compreensão da natureza histórica, social e estética das condições de produção cordelística, o que dá, a esse gênero tão peculiar, uma caracterização espacial e literária a exigir procedimentos didáticos inovadores e ousados da prática profissional em aulas de literatura.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1999.

CANDIDO, A. **Na sala de aula**: caderno de análise literária. 3 ed. São Paulo: Ática, 1989.

CASCUDO, L. da C. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

FRANCISCO, A. **Meu Sonho**. Mossoró/RN: Queima Bucha, s/d. Projeto Acorda Cordel na sala de aula.

HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LÖWY, M. **Romantismo e Messianismo**: ensaios sobre Lukács e Benjamin. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Debates; 234)

MELO, A. F. T. de. **Dez cordéis num cordel só**. Mossoró/RN: Queima Bucha, 2003.

MENDONÇA, A. A. **A história da Literatura de Cordel**. Disponível em: <http://www.camarabrasileira.com/cordel01.htm> . Acesso em 14 de setembro de 2014.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. 3 ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

SANTANA, B. S., BATISTA, R. B. **Literatura de cordel: interdisciplinaridade em sala de aula**. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/boitata/Volume-4-2007/Artigo%20Bruna%20e%20Raimunda.pdf> . Acesso em 13 de setembro de 2014.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.